

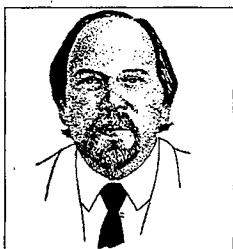
Reitor da USP, vi recentemente honrosa e proveitosa experiência, ministrando uma aula na Escola Estadual Professor Sebastião de Oliveira Rocha, em São Carlos. O que ali foi dito está condensado neste artigo, não porque seu conteúdo tenha sido especial, mas para compartilhar a

reflexão com os leitores, docentes e outros alunos da rede secundária de ensino.

Julguei oportuno formular, como ponto de partida, uma pergunta aos secundaristas: quais os mitos positivos que devem alimentar os sonhos da juventude brasileira e ajudá-la a construir um projeto de vida?

A palavra *mito* foi tomada em seu significado social. O mito é a celebridade, o grande nome, o indivíduo que por sua fama ou valor constitui um referencial para os outros. Há os mitos *neutros*, que se distinguem apenas pela notoriedade: roqueiros, pagodeiros, modelos, desportistas endinheirados – pessoas famosas não integradas na sociedade e, de certo modo, até pairando acima dela. E há os mitos *negativos*, que são, por exemplo, os políticos corruptos e os bandidos famosos. Já os mitos *positivos* são aqueles que participam do processo social, trabalham por uma causa, se distinguem pela nobreza dos seus propósitos e das suas ações.

Para não ficarmos somente no campo das generalidades, busquemos exemplos concretos. Apontemos dois mitos *positivos* para os jo-



A escola pública deve guiar-se pelo culto à cidadania e excelência pedagógica

vens de origem modesta, que estudam na rede pública. Duas pessoas que aprenderam nesse mesmo tipo de escola, vieram de cidades pobres e longínquas e se tornaram célebres em razão do seu trabalho. Para não dar um viés parcial a esta exemplificação, lembremos dois indivíduos que politicamente

atuam em campos opostos: o cirurgião Adib Jatene e o sindicalista Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho.

Jatene estudou em escola pública e veio de uma cidadezinha do extremo norte para trabalhar em São Paulo, onde construiu o seu projeto de vida. Tornou-se o mais respeitado cirurgião do País, professor-titular da maior universidade brasileira e duas vezes ministro da Saúde. Isso para falar apenas de uma parte da sua trajetória vitoriosa.

Vicentinho ocupou o noticiário da imprensa no início deste ano por ter ingressado numa faculdade, após cursar o ensino primário em escola pública no mais remoto interior do Nordeste e obter, aos 42 anos de idade, um diploma de segundo grau no telecurso. Mas o nome dele já era famoso, em todo o Brasil, por sua atuação como sindicalista. Dirigente sindical no ABC e depois presidente da CUT, possuidor de inteligência excepcional e extremamente articulado na exposição de suas idéias, Vicentinho é considerado por todos, à esquerda e à direita, passando pelo centro, como uma das mais fortes lideranças

populares do País.

É claro que Jatene e Vicentinho são exceções. O ensino no nível básico no Brasil, de modo geral, não favorece a realização das ambições cultivadas por seus alunos. Mas é necessário que cada um vença os obstáculos existentes e teste a sua perseverança, mesmo em condições hostis, como fizeram esses dois mitos positivos. Isso não exige do governo de suas obrigações nem transfere aos estudantes todas as responsabilidades de vencer, usando apenas a sua obstinação e sem dispor de um ensino qualitativo.

É imperioso, porém, não esmorecer, mentalizar um projeto de vida e persegui-lo. É também importante que os alunos compreendam a luta dos professores e diretores de escola pela recuperação do ensino público de primeiro e segundo graus – pré-condição para ampliar o ingresso dos estudantes de colégios públicos em universidades também públicas, que hoje perfaz apenas cerca de 21% dos matriculados.

Nessa perspectiva se inclui a tarefa de repensar o papel do professorado no ensino fundamental e médio, capacitando-o cada vez mais. O professor deve oferecer aos seus alunos referências básicas do conhecimento e transmitir valores. Mas, acima de tudo, cabe a ele ser um desafiador, partindo do perfil da sua classe para conduzi-la sempre a uma etapa mais ousada e motivá-la a conquistar algo que vá além da competência já adquirida.

O aluno quer ver em seu professor não só o depositário de informação atualizada, mas um indivíduo que tem a capacidade de analisar e relacionar variáveis e fatos, de forma superior à que ele, aluno, consegue fa-

zer. Não basta ao docente demonstrar conhecimento dos fatos. Isso o aluno pode obter pelos meios de comunicação de massa. O que ele espera, na sala de aula, é uma interpretação surpreendente e diferenciada.

Uma revisão do papel docente deve coincidir com a melhoria da gestão escolar, a expansão qualitativa e quantitativa do sistema, o aperfeiçoamento dos currículos. Neste novo contexto serão desenvolvidas atitudes para fazer das próximas décadas uma era civilizatória, marcada pelo espírito de empreendimento e solidariedade.

A escola pública, em qualquer nível, deve guiar-se pelo culto à cidadania e pela excelência pedagógica. Somente assim o estudante guardará prazerosamente a sua memória escolar. A sala de aula é um lugar inesquecível, para o bem ou para o mal. Qualquer adulto lembra, com saudade ou alívio, a configuração exata do espaço retangular em que aprendeu as primeiras letras e depois, no colégio e na faculdade, veio a descobrir os conhecimentos necessários à vida em sociedade e ao trabalho. Tornar esse lugar marcante no melhor sentido é uma tarefa dos mestres, principalmente no ensino público.

É importante que o jovem não apague de sua lembrança o tempo vivido na escola. Não por um exercício gratuito de nostalgia, mas porque nesse período teve alguma coisa definitivamente colada à personalidade e que definiu, para toda a vida, a sua visão de mundo.